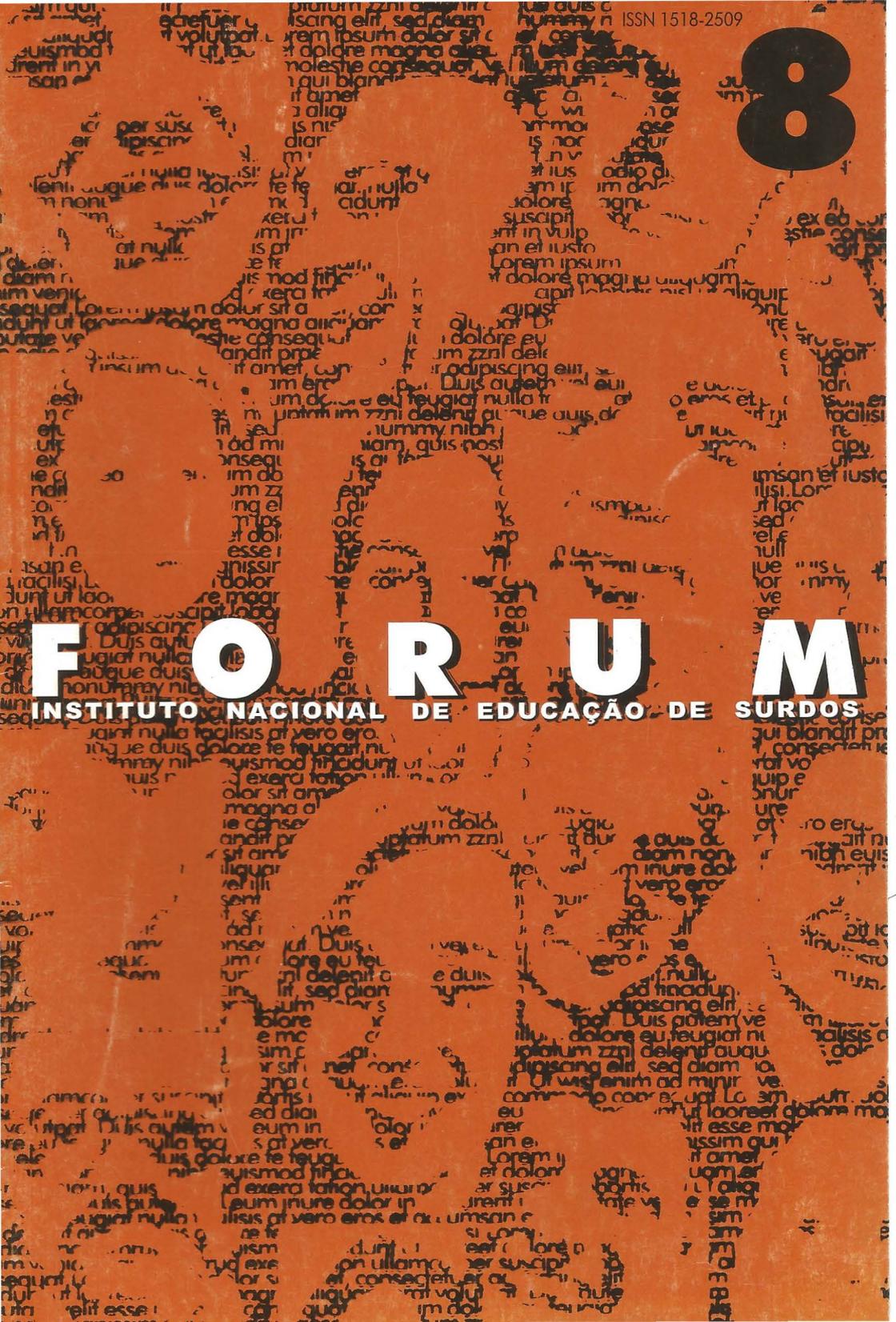


FORUM

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS





F O R U M

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS



FORUM
ISSN 1518-2509

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Cristovam Buarque

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Cláudia Pereira Dutra

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Stny Basilio Fernandes dos Santos

**DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO,
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**
Nadia Maria Postigo

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Leila de Campos Dantas Maciel

ORGANIZAÇÃO
Cataryna Alvez Badaue

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES
Rio de Janeiro - Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA
Imprinta

Tiragem
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
André Luiz da Costa e Silva / Marisa Marins Viola
Mônica Azevedo de Carvalho Campello / Rita Maria Andrade Vasconcellos
Simone Ferreira Conforto



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Comissão de Publicação

Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar CEP 22240-001 Rio de Janeiro / RJ - Brasil
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2285-5107
e-mail: ddhct1@ines.org.br / diesp@ines.org.br

Forum
vol. 8 (Jul/Dez) Rio de Janeiro
INES, 2003

Semestral
ISSN 1518-2509

1 - Forum - Instituto Nacional de Educação de Surdos

ÍNDICE

EDITORIAL	5
UMA PROPOSTA DE PSICOMOTRICIDADE AQUÁTICA PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS.	6
Prof. Reynaldo Nunes Palestra proferida em 02/07/2003	
RELATO DE EXPERIÊNCIA – ESCOLA INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	8
Maria Tereza Jacome Silveira Goulart Palestra proferida em 14/08/2003	
CENTRO DE ATENDIMENTO ALTERNATIVO FLORESCER UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE ATENDIMENTO	14
Equipe do CAAF – INES Palestra proferida em 22/10/2003	
ARTE PORQUE ARTE	17
Maria Aparecida Pimenta Bernabó Palestra proferida em 25/11/2003	

EDITORIAL

É com satisfação que apresentamos este número de nossa publicação. As palestras, como sempre, lograram êxito, haja vista as avaliações que nos foram entregues.

Nesse momento, de encerramento de mais um ano de trabalho, fica-nos a certeza da missão cumprida e agradecemos a Deus por tudo.

PAZ a todos no ano que se iniciará.

Até breve !

Cataryna Alvez Badaue

"Árvore alguma será conhecida ou amada pelas aparências exteriores, mas sim pelos frutos, pela utilidade, pela produção."

(Emmanuel)

UMA PROPOSTA DE PSICOMOTRICIDADE AQUÁTICA PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Reynaldo Nunes¹

Os benefícios à saúde proporcionados pela modalidade esportiva natação são inúmeros e inquestionáveis. Podemos dizer inclusive, que este pensamento tem a unanimidade dos profissionais da área da saúde, e por essa razão recomendamos que 'todas' as crianças a partir dos seis meses devam começar a prática da natação. Há muito tempo a natação é considerada um desporto 'completo', por exercitar 'todos' os músculos do corpo, por estimular o crescimento e, principalmente, desenvolver o sistema cárdio-respiratório. Essas colocações procedem e são muito significativas, porém, nos últimos vinte anos, muitos estudiosos da Psicomotricidade Humana se dedicaram a aprofundar o conhecimento sobre a relação do homem com o meio aquático. Esta busca resultou no que hoje é chamado de Psicomotricidade Aquática. A psicomotricidade é considerada uma "ciência encruzilhada" (Coste 1981), que busca entender o indivíduo de maneira global e profunda, respeitando e valorizando suas infinitas formas de relação. A Psicomotricidade Aquática surgiu da psicomotricidade, com a especificidade de se propor a compreender profundamente as consequências da relação do corpo quando em interação com o meio líquido em todos os estágios de nossas vidas.

A partir dessa nova perspectiva, qualquer atividade aquática, inclusive e principalmente a natação, deixa de representar apenas ganhos fisiológicos, mas principalmente, começa a valorizar os benefícios psicomotores que possam ocorrer.

De maneira geral, quais são esses benefícios?

Quando estamos imersos em um ambiente aquático e interagindo com o mesmo, nosso corpo vive uma infinidade de sensações. Estas sensações são de enorme valia para a estruturação de aspectos psicomotores, cognitivos, afetivos e fisiológicos.

¹Licenciatura em Educação Física – UFRJ.

Pós Graduação em Educação Psicomotora – IBMR.

Idealizador de programas de atividades físicas voltados para o segmento social de crianças com necessidades especiais:

Programa – ESPORTE E QUALIDADE DE VIDA / PARQUE AQUÁTICO JULIO DELAMARE (500 alunos).

Programa – ATIVIDADES DESPORTIVAS ESPECIAIS / FLUMINENSE FOOTBALL CLUB (50 alunos).

O esquema corporal, a consciência do movimento, a lateralidade, o equilíbrio, a força, a respiração, a coordenação motora global, o toque, o medo, a ansiedade são alguns exemplos das questões intensamente estimuladas em uma sessão de psicomotricidade aquática.

Consideramos necessário esclarecer que esta proposta não tem a pretensão, nem tampouco a intenção, de substituir a modalidade natação, mas sim, de mudar a abordagem quando o enfoque passa a ser o indivíduo em sua totalidade, e não a técnica e o rendimento.

Esta postura pedagógica não faz julgamento de valor, mas busca se perguntar, pra quê, pra quem e como fazer, isto é, estabelecer uma relação que pretende estar permanentemente atenta ao processo de desenvolvimento do indivíduo. Tal processo envolve, limites, limitações, potenciais, conquistas, descobertas (o novo), retrocessos, afetos etc.

A psicomotricidade aquática, quando aplicada em grupos com necessidades especiais, alcança resultados ainda mais expressivos e importantes. Como se tratam de pessoas que não se relacionam com o meio de forma padrão e, ao contrário disto, nos surpreendem a cada momento, essa técnica se enquadra perfeitamente na especificidade desta demanda. Respeitando e valorizando a diferença, a Psicomotricidade Aquática objetiva estabelecer um olhar para individualidade, mesmo dentro de um grupo. Nossos sentidos são intencionalmente forçados a se 'exercitarem' (desenvolverem) para que tal desafio aconteça na prática. O mediador (professor) necessita estar totalmente presente durante a sessão (aula). As respostas não se esgotam nelas. Os erros e as dificuldades não podem nos fazer desistir. Eles na verdade apontam novos caminhos e desafios.

Com considerável experiência, podemos afirmar que toda criança portadora de necessidades especiais que tiver acesso a um trabalho de psicomotricidade aquática, obterá como resultado uma importantíssima contribuição para o seu desenvolvimento global.

RELATO DE EXPERIÊNCIA – ESCOLA INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Maria Tereza Jacome Silveira Goulart¹

Para relatar minha experiência com o trabalho de inclusão terei que ressaltar, antes de falar dos benefícios, que independentemente de ser um direito explícito na Constituição Federal, a escola, antes de mais nada, deve acreditar na inclusão de todos que dela fazem parte. Que através dos diferentes sujeitos e saberes que a constituem é que poderemos refletir, criticar, atuar, acelerar e, quando necessário, retroceder.

Uma escola inclusiva jamais estará pronta. A cada ano ela se constrói na interação, nos encontros e nos diferentes olhares que surgem no dia-a-dia.

Imaginar este espaço como o maior responsável por transmitir conteúdos, preparar seus alunos para o futuro, ser avaliada como uma grande escola - porque há em sala aproximadamente 30 alunos - é afastar a possibilidade de ser uma escola inclusiva.

Mudanças se fazem necessárias, conceitos necessitam mudar e as diferenças precisam aparecer.

Uma escola inclusiva foge dos padrões, não acredita em turmas homogêneas e reconhece ser necessária uma maior disponibilidade por parte de todos que a constituem.

O professor precisa romper com o conceito de que alunos são capazes porque já têm a idade apropriada. Precisa acreditar que no convívio com as diferenças, no papel de aprendiz, terá a possibilidade de crescimento enquanto cidadão, capaz de viver as diferenças de uma sociedade com respeito, solidariedade e exercendo de forma crítica e digna o seu papel.

E por fazer parte de uma escola que, por princípios filosóficos e ideológicos, acredita que as crianças são sujeitos, independentemente de suas diferenças, com os mesmo direitos, é que demos início ao trabalho de inclusão do portador de necessidades especiais no ensino regular, trazendo novas oportunidades para todos.

Com esse novo olhar, fomos construindo em nós e no nosso trabalho, a idéia de que *"somos todos diferentes"*.

No ano de 1986 nos solicitaram uma vaga para uma criança com Síndrome de Down, e a partir deste momento, aceitamos este novo desafio.

¹Pedagoga, Pós Graduada em Educação Infantil.
Diretora Pedagógica da Escola Favinho e Mel.

Inicialmente sentamos com nossa equipe e deixamos que neste encontro surgissem, por parte de todos, diferentes sentimentos.

Ao final do mesmo, tínhamos claro que este desafio era viável e que para termos sucesso, teríamos que nos despir dos conceitos que até então trazíamos. Não nos tornaríamos uma escola especial, tampouco um espaço clínico. Mas partindo do princípio que todos carregávamos em nossas bagagens diferentes experiências, e que as trocas entre todos nos levariam a descobrir novos caminhos. Certas de que precisaríamos ter maior sensibilidade e flexibilidade para percorrer, de diversas formas, este novo momento em nossa escola.

Acredito no potencial de todo ser humano, e sabia que nas experiências inclusivas trilharíamos por diversos caminhos. Certamente construiríamos nosso percurso entre erros e acertos, buscando uma escola de qualidade em que todos, pais, alunos, funcionários e terapeutas, estariam inseridos.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Em 1986, quando nos deparamos com o primeiro aluno portador de necessidades especiais, tínhamos uma única certeza: que esta construção deveria ser coletiva. No dia-a-dia, observamos que questionamentos surgiam entre a equipe e que, através dos mesmos, daríamos início a este trabalho. Ao final de algum tempo, considerado o suficiente para este primeiro contato, tínhamos claro que partiríamos do que estas crianças tinham como bagagem e não do que lhes faltava.

Nesta época, trabalhávamos apenas com educação infantil e nossa proposta, ao receber estas crianças, era a de incluí-las no grupo onde mais se identificassem. Partindo então de suas descobertas as estimulávamos em busca de novas conclusões.

No caminho desta experiência vivenciamos diversas situações com as quais aprendemos muito. A cada momento novos desafios surgiam. Trilhar um percurso com uma criança Down não significava obter igual sucesso com outra também Down. A cada aluno que nos chegava precisávamos refletir e nos reorganizar, buscando trabalhar a particularidade de cada aluno, e ao mesmo tempo trabalhar na coletividade.

As famílias que constituíam a escola também traziam em suas experiências diferentes conceitos. Por alguns éramos “aplaudidas” por esta iniciativa, por outras, questionadas em nossa função como escola: _ Vocês farão um planejamento separado? – Nossos filhos não ficarão prejudicados?

Este era um momento delicado, pois, como escola particular, “precisávamos” destas famílias e não poderíamos correr o risco de “perdê-las”, mas também não conseguiríamos mais trabalhar sem a inclusão. Muitos encontros realizamos permitindo que estas famílias deixassem aparecer seus sentimentos, assim como o foi permitido à nossa equipe.

Fomos procuradas por uma mãe que nos dizia estar muito feliz pela oportunidade que sua filha estava tendo na convivência com crianças portadoras de necessidades especiais. No entanto, sua filha chegava em casa bastante incomodada e com receios nesta nova relação. O relato desta mãe nos levou a refletir e a repensar nossa prática. De que forma estávamos trabalhando estas dificuldades entre os alunos? E assim, com a participação de todos, iniciamos um trabalho com os alunos, permitindo que os mesmos falassem desta nova relação que começavam a experimentar; possibilitando que, "sem culpas" e com transparência, a filha desta mãe que havia nos procurado pudesse expressar: "Eu gosto de brincar com ele mas, "sinto nojo" quando ele come cabelo e fica com cheiro ruim".

Situações como esta nos dão a certeza que deixando que apareçam as diferenças, e vivendo-as no nosso dia-a-dia obteremos, de fato, a inclusão de todos.

Mas como conduzir este trabalho e que estratégias utilizar?

"Na infância a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Para a criança, o brinquedo preenche uma necessidade: portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, constituidoras de regras de convívio com a realidade." (Jobim e Souza – 1995, p.148).

Em nossa prática na educação infantil, partimos do princípio que as crianças reproduzem o que vivem em outras experiências, com outros sujeitos, nas suas brincadeiras. Utilizam-se de diferentes materiais para representar o real.

Sendo assim, nossa proposta acontece através de brincadeiras e atividades que favoreçam a construção de nossos alunos, através de sua imaginação e da troca com o outro.

Nossa escola foi crescendo e a vontade de dar continuidade a este trabalho nos fez montar o primeiro segmento do ensino fundamental.

Novas dúvidas, medos e desafios surgiram. Trabalhar a inclusão na educação infantil era viável, porém, como seria alfabetizar, seguir um plano de curso, avaliar?

Um novo caminho nos aparecia, mas como trilhar "presas" ao que é esperado pelo mercado? Pelas famílias que buscam a escola, como um espaço que irá preparar o seu filho para os "vestibulinhos"?

Novos encontros, inúmeras discussões, diversas tentativas... Mas com a certeza que não poderíamos abrir mão do que já havíamos construído. Éramos uma escola que preparava para o mundo, para a vida e que o saber adquirido neste espaço, só teria sentido se vivido por nossos alunos, na sua prática, no seu dia-a-dia, dentro ou fora deste espaço chamado escola. Não nos prenderíamos a este sistema, que cada vez mais busca a competitividade,

que nas entrelinhas, leva o aluno ao desejo de ser o melhor, e não de fazer da sua trajetória escolar, assim como da sua vida, quando “livre” deste espaço, uma vida melhor, digna, com respeito e solidariedade às diferenças.

Assim iniciamos o nosso trabalho com o ensino fundamental. Nova equipe e novas dúvidas surgiam. Como incluir estas crianças quando já se necessita uma diferente formalização dos conteúdos que estão sendo propostos?

Este trabalho vem se construindo, gradativamente, entre “erros e acertos”, vivenciamos diferentes situações. Inicialmente, acreditamos que o respeito ao tempo de cada um era o suficiente e que as avaliações não seriam problema, pois tínhamos como crença, que o aluno não pode ser avaliado apenas por uma prova, mas sim por tudo que produz ao longo do ano letivo.

E assim, começamos o nosso trabalho. Situações diferentes foram surgindo, necessidades de reorganização, novas estratégias e a participação das famílias e terapeutas neste processo eram fundamentais. As crianças iam crescendo, as “dificuldades” eram mais visíveis e não podíamos deixar que isto as levassem ao desconforto e ao insucesso. “Terminar sempre por último” levaria qualquer um à baixa auto estima, ao desânimo de produzir. Afinal, acabar na frente uma tarefa é sobrar tempo para esquecer da vida, relaxar e “curtir” o não fazer nada. Baseadas nesta observação, fizemos a opção de nos momentos de formalização dos conteúdos, que aconteciam sempre após a explicação e vivências com diferentes materiais, lançar mão de atividades diversificadas, proporcionando maior entendimento e autonomia aos mesmos. Nesta nova empreitada, percebemos que a construção deste trabalho diversificado, para determinados alunos foi o “pulo do gato” que lhes permitiu vislumbrar maior independência, rapidez e sucesso. Para outros, sentimos que ainda não era o suficiente. Necessitavam da utilização de novas estratégias, de um maior apoio e detalhamento por parte do adulto. Continuávamos a nos questionar o que mais poderíamos fazer para que todos pudessem com prazer viver o seu aprendizado?

Nos encontros com terapeutas, nos foi proposto lançar mão de mais um adulto em sala de aula, para que este suporte pudesse acontecer. Refletindo sobre esta proposta, concluímos que seria uma possibilidade e assim optamos por trabalhar com estagiárias das áreas humanas.

Iniciamos então uma nova discussão: de que forma esta estagiária entraria no grupo? Tínhamos claro que esta não poderia atender apenas as crianças portadoras de necessidades especiais, afinal nosso objetivo era somar ao sucesso destas, e jamais criar dependência nas mesmas. Estabelecemos então que mediante a necessidade de apoio este aconteceria ora pela professora, ficando a estagiária com o restante do grupo, ora com a estagiária.

Este trabalho vem acontecendo desta forma de maneira confortável e prazerosa para todos. A participação e sucesso alcançado eram visíveis.

O crescimento destas crianças, bem como do restante do grupo aconteceu de maneira harmoniosa, intensa, permitindo um melhor aproveitamento.

Finalizando este relato, gostaria de ressaltar que durante este percurso esbarramos em grandes dúvidas e em grandes certezas. Momentos de muito prazer, momentos de muita angústia.

Percebemos que o preconceito ainda é grande. Quando nossos alunos terminam a quarta série, as famílias entram em pânico: e agora, onde colocar meu filho? As escolas alegam não ter estrutura... Turmas com trinta crianças e um professor... Na quinta série são várias disciplinas e vários professores...

Tenho a sensação que estes pais vivem um novo nascimento desse filho, medo, ansiedade e às vezes, o questionamento: "será que vale à pena investir?"

Certamente, nós educadores somos responsáveis por isso. Devemos buscar, em nossa prática, coragem para mudar, romper e sair em busca de novos rumos. Não ter medo de reconstruir, transformar esta escola.

Não negarei que o trabalho é árduo, por vezes angustiante, porém o resultado é extremamente gratificante para todos que tiveram a oportunidade de vivê-lo e crescer como sujeitos singulares e diferentes.

Neste caminho que percorremos, algumas vivências deixaram suas marcas, as quais procuramos tê-las sempre presentes em nossa prática como:

- A importância de envolver os funcionários dos diversos setores da escola, através de reuniões coletivas ou individuais, onde possamos sempre pensar nas dúvidas e sucessos vividos, discutindo com muita transparência nossa prática.
- Com os professores e estagiárias em reuniões semanais, tanto individuais quanto coletivas, onde nos avaliamos assim como a prática de sala de aula, fazendo com que este trabalho encontre-se sempre em movimento, retrocedendo quando necessário e avançando quando possível. Atentas ao coletivo para que de fato esta relação não seja imposta por uma "falsa" moral e, sim, vivida por acreditar no respeito as diferenças.

Cientes de que, para que de fato este trabalho possa acontecer, necessitamos (direção, supervisão, professores e estagiárias) de maior disponibilidade de tempo, assim como de flexibilidade na elaboração das atividades, com uma prática desprovida de receios e de coragem para arriscar.

- Com os alunos, sem comprometimento, trabalhando sempre para que os sentimentos apareçam e, baseadas nos mesmos, possamos viver as diferenças acreditando que desta forma também estaremos

construindo uma sociedade mais digna e cidadãos que, certamente, buscarão a ética como norte em suas vidas. Cidadãos com coerência entre a prática e o discurso.

- O atendimento às famílias das crianças “rotuladas” como não portadoras de necessidades especiais, permitindo-lhes que falem de seus receios, sem medo de serem julgadas, afinal, a maioria destes familiares, não teve a possibilidade de viver, quando estudantes, esta experiência em suas escolas e cresceram em uma sociedade preconceituosa, desigual e com exclusões de toda a ordem.
- Com os terapeutas, que nos ajudam somando conhecimentos, trocando constantemente, possibilitando-nos uma maior compreensão diante de diferentes situações que surgem.
- Com os pais de crianças portadoras de necessidades especiais, temos encontros para falarmos de seus filhos, discutirmos as diferentes observações (casa X escola) e estratégias experimentadas. E momentos onde o foco principal é deixar que estes pais possam falar de suas angústias, receios e dificuldades, entendendo que, como nós, eles estarão se construindo para incluir este filho nesta família. Afinal, crescemos homens e mulheres com a expectativa de gerar filhos “normais” e iguais.
- Com as crianças portadoras de necessidades especiais, procurando deixar sempre claro em nossa prática que vamos defender até o final a possibilidade de realizar um trabalho onde elas possam desenvolver suas potencialidades, viver suas diferenças, participando como cidadãos do mundo à sua volta.

Enfim, educar é um ato infinitamente apaixonante. Viver estas experiências, refazer a nossa escola e buscar os nossos sonhos, muito nos tem transformado e, sem dúvida, a todos que conosco caminharam. Tornamo-nos mais diferentes, mais singulares e muito mais felizes, pois estamos conseguindo viver o que um dia foi apenas um sonho.

CENTRO DE ATENDIMENTO ALTERNATIVO FLORESCER UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE ATENDIMENTO

Equipe do CAAF – INES

“Queremos trabalhar com o que há de positivo na criança: interessar-nos pelo que ela sabe fazer e não pelo que não sabe fazer. Decidimos, portanto, esquecer os “problemas” em razão dos quais a criança nos é enviada. Existe na criança, quem quer que ela seja, múltiplas potencialidades que é possível descobrir e desenvolver, desde que não se esteja fixado “pelo que ela não sabe fazer”. Centralizar sua atenção num sintoma é fixá-lo, estruturá-lo. Esquecê-lo é talvez permitir que desapareça, já que não apresenta mais interesse.”

Lapierre, 1986

Centro de Atendimento Alternativo Florescer – O CAAF é parte do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, centro de referência nacional na área da surdez, localizado no Rio de Janeiro.

Este centro, há três anos em funcionamento, vem atendendo uma clientela crescente, que busca atendimento no INES. Esta demanda se deve, em parte, ao desenvolvimento da medicina neonatal, que tem gerado um aumento da expectativa de sobrevivência de bebês de alto risco. Ao mesmo tempo em que já havia a existência de um número relativo de crianças e/ou adolescentes surdos que apresentavam dificuldades no processo de escolarização. É importante considerar também, que com o advento da inclusão como proposta política, crianças e adolescentes que antes permaneciam em suas casas por falta de opção, procuram atendimento pedagógico nas escolas da rede regular de ensino, mas essas não oferecem estrutura adequada e serviço especializado, fazendo com que as famílias venham buscar a escola especial.

Conscientes da responsabilidade junto às questões relativas à surdez, este centro foi criado, e regulamentado através da Portaria nº 130 de 30 de março de 2001, visando proporcionar um espaço alternativo que atenda às necessidades específicas de crianças surdas com outros comprometimentos, desenvolvendo suas potencialidades ao máximo para que possam participar progressivamente de maneira efetiva da realidade social, familiar e escolar, mantendo o foco no grau de autonomia da criança e do jovem.

Atualmente este programa atende crianças e/ou adolescentes com diagnóstico inicial de surdez e com:

- problemas motores;
- problemas cognitivos;
- distúrbios neurológicos;
- baixa visão ou cegueira;
- transtornos do desenvolvimento (ex. autismo infantil, TDAH, hiperatividade).

São considerados elegíveis crianças e adolescentes com diagnóstico de surdez e que apresentem outros comprometimentos associados, na faixa etária compreendida entre zero e 14 anos com permanência máxima até os 18 anos. A clientela atendida nesse centro pode estar matriculada nos segmentos de escolaridade formal do Colégio de Aplicação do INES, ou ser oriunda da comunidade. O processo de avaliação para ingresso compreende:

Anamnese realizada pela assistente social e psicóloga.

Avaliação psicológica e neuropsicológica realizada pela psicóloga.

Estudo do caso, em equipe, para definição do atendimento.

Observação direta do aluno pelos profissionais que o atendem, por um período médio de 3 meses, visando confirmação diagnóstica.

NOSSOS PROGRAMAS VISAM:

Maior grau de autonomia da criança ou adolescente, através de atividades funcionais que favoreçam o desenvolvimento da comunicação, de interações sociais (família, escola, comunidade), de cuidados pessoais, de habilidades domésticas, recreativas e sociais, sempre de acordo com as preferências e potencialidades do aluno

Ingresso ou reingresso no ensino formal, com adaptação progressiva acompanhada pela equipe.

Orientação ao trabalho, através de atividades funcionais, em locais contextualizados, visando à vivência de experiências e respeitando as preferências, habilidades e potencialidades do aluno.

Orientação às famílias – é importante que, ao elaborar os programas de atendimento, a família seja chamada a participar, expondo suas expectativas, sua dinâmica familiar, as preferências da criança/adolescente e, ao longo do trabalho, sinta-se envolvida no desenvolvimento de seu filho. Os pais devem acompanhar o aluno na escola, bem como trazer dúvidas, sugestões, observações de casa para avaliação em conjunto com os profissionais que o acompanham.

Uma das maiores dificuldades encontra-se no fato de que o mercado de trabalho formal, atual, não privilegia àqueles que não possuem escolarização (diplomas). Tem sido um desafio buscar parcerias que comuniquem da importância de oferecer a estes alunos uma oportunidade que lhes permita autonomia e independência.

NOSSO TRABALHO SE CARACTERIZA POR:

ATENDIMENTO GRUPAL

O atendimento grupal é composto por, no máximo 10 alunos, e dentro do programa trabalha-se através de projetos pedagógicos, voltados para o interesse do grupo, respeitando sua faixa etária.

ATENDIMENTO INDIVIDUAL

O atendimento individual se divide em dois tipos:

- surdocegos e múltiplos deficientes, com um trabalho voltado para o estabelecimento de um canal de comunicação, desenvolvendo, ao máximo, suas potencialidades, visando sua independência e autonomia.

- alunos com problemas cognitivos e/ou dificuldade no processo de escolarização, com um trabalho de fortalecimento da auto-estima, através de atividades lúdicas visando o desenvolvimento biopsicossocial e pedagógico do aluno.

Encaminhamento a Recursos da Comunidade (Psicológico Clínico e Psiquiátrico).

Quando na avaliação são identificados quadros que necessitam de acompanhamento específico não existentes no INES, é feito o encaminhamento para instituições e/ou recursos externos. O CAAF efetua o acompanhamento sistemático para garantir a frequência ao referido recurso. O aluno pode ser concomitantemente atendido pelo CAAF, ou não.

O caminho é novo e árduo apresentando muitos obstáculos. Estamos longe do ideal, mas acreditamos que o trabalho irá depender do esforço e sensibilidade das pessoas em considerar com respeito à singularidade desses sujeitos. Não se deve buscar um padrão no comportamento ao qual se deseja alcançar, mas sim um olhar mais atento ao aluno que temos diante de nós, para podermos enxergar as suas possibilidades e a partir delas promover ao máximo o seu desenvolvimento para uma vida o mais independente possível.

ARTE PORQUE ARTE

Maria A. P. Bernabó
 Prof^a. Orientadora do Núcleo de
 Artes do CAP/INES

A proposta de se fazer um Fórum sobre Arte, veio ao encontro da idéia de divulgar o trabalho que é desenvolvido nesta área no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – CAP/INES.

Ainda hoje, em 2003, pensa-se em arte como algo que é dissociado do sujeito, que está fora de seu alcance e acessível a poucos, quando não, serve apenas como “pano de fundo” para confecção de adornos para festas e/ou eventos ou é suporte artístico para eventuais necessidades dos professores de outras disciplinas.

Por estas razões, para este 1º Fórum de Artes dentro do INES, nós professores do núcleo de arte, criamos uma situação que provocasse no espectador presente uma predisposição para **ouvir, ver e sentir** parte do que procuramos proporcionar ao aluno para o desenvolvimento do trabalho em arte. Para tanto, visando a mobilização e a interação do público com o espaço e o tema em questão, criamos uma “cortina” confeccionada com papéis e panos com cores e texturas diferentes por onde este público necessariamente passava no percurso até o auditório. A atividade proposta ao grupo foi desenvolvida de forma individual culminando com uma criação coletiva.

Pensamos que mais que discursar sobre o que fazemos e pensamos sobre e em arte, seria mais contundente e mobilizante que as pessoas, além de verem o trabalho do professor junto ao aluno, seja em forma de projeção e exposição dos trabalhos desenvolvidos durante o ano, também vivenciassem um processo de criação.

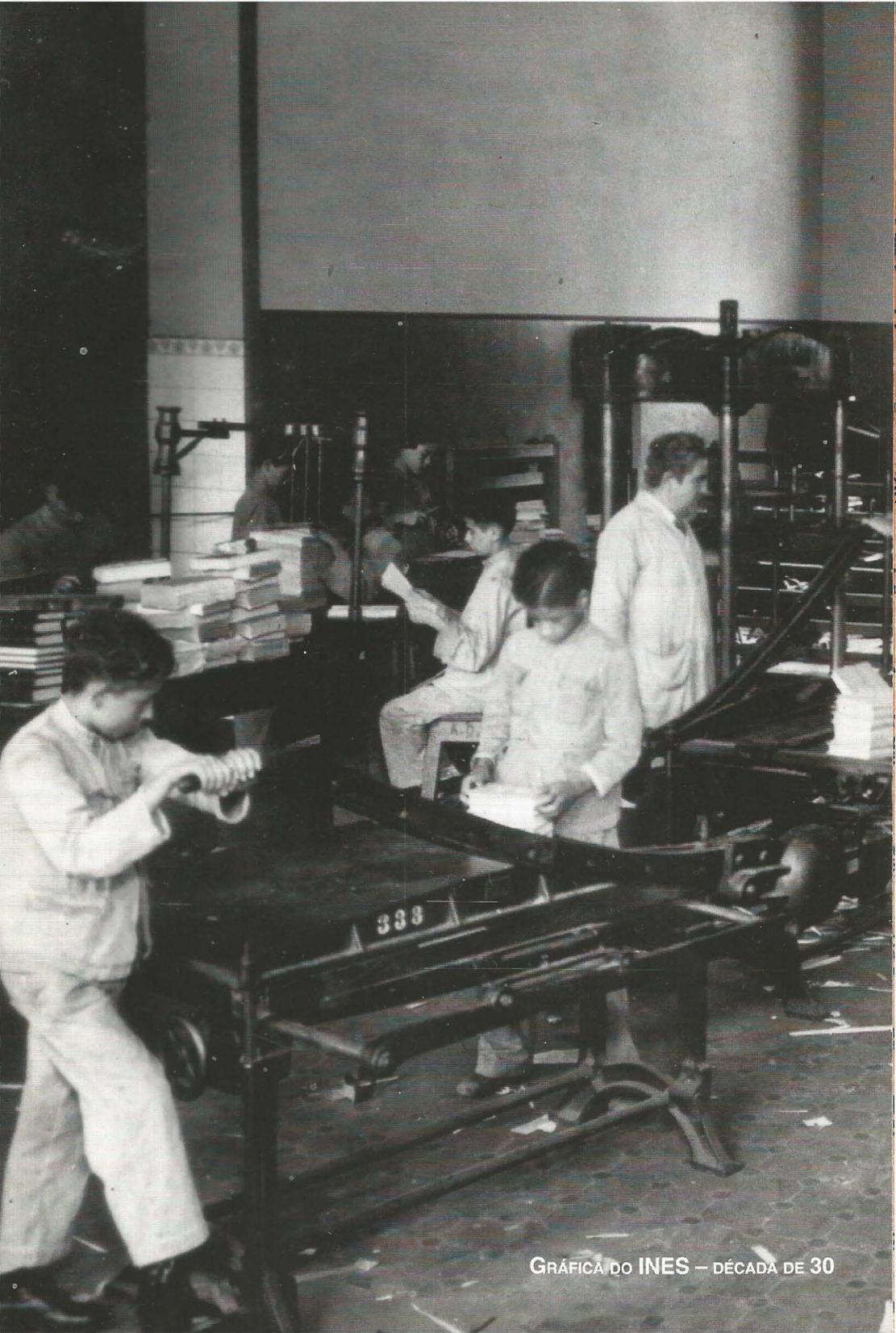
Fazer e Pensar Arte não estão dissociados, não se trata de um processo mecanicista pois, antes de tudo, é uma atitude de responsabilidade, busca, investigação, surpresas, erros que se constituem parte do percurso e possui uma dinâmica própria, possibilitando uma combinação infinita de novos resultados e, assim nos conduzindo à percepção de sermos únicos, singulares na diversidade. Desta forma, a linguagem artística permite ao indivíduo desenvolver a capacidade de expressar sua forma particular de pensar e olhar o mundo revelando-se fundamental como um veículo do pensamento visual.

* Prof^a. Orientadora do Núcleo de Artes do CAP/INES.

A Arte **provoca mobiliza instiga é comunicação e expressão** propõe uma atitude ativa e participativa e por isto adquire uma função básica na formação e desenvolvimento da personalidade do Indivíduo e vem atendê-lo em todos os seus aspectos, cognitivo, afetivo e social.

Nessa dialética do Fazer e Pensar arte é que se constrói um pensamento e atitude de reflexão que vem contribuir para a construção de um sujeito ativo, dinâmico e responsável pelo próprio processo de aprendizagem e conhecimento.

Desenvolver um OLHAR artístico capacita este sujeito a interferir, inferir e transformar a realidade que o cerca e com certeza amplia sua visão de mundo fazendo com que se perceba fundamental na dinâmica sociocultural. Nesse sentido, acreditar que é possível transformar o mundo através da arte mantendo o respeito às individualidades, criando oportunidades, oferecendo desafios, estimulando o potencial criador, certamente contribui na formação de um sujeito criativo e participativo dentro de uma dinâmica sociocultural.



GRÁFICA DO INES — DÉCADA DE 30

